

Revista Diálogo Educacional

ISSN: 1518-3483

dialogo.educacional@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Brasil

Soares, Flávia

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: IMPRENSA E A MATEMÁTICA
MODERNA

Revista Diálogo Educacional, vol. 6, núm. 18, mayo-agosto, 2006, pp. 65-77

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116273006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: IMPRENSA E A MATEMÁTICA MODERNA

*Sources to the History of Mathematics
Education: the Press and Modern Mathematics*

Flávia Soares¹

Resumo

Nos últimos anos, vêm crescendo o número de trabalhos que tratam da História da Educação Matemática no Brasil. Crescem também as discussões a respeito da filiação da História da Educação Matemática e das suas relações com a História, a Educação e a Educação Matemática. Essas discussões acompanham outros debates que mostram que o trabalho do historiador e as ferramentas utilizadas para escrever a história vêm sofrendo diversas influências que proporcionaram a ampliação de conceitos e a admissão de novos instrumentos e de novas abordagens à pesquisa histórica que estão sendo incorporadas pelos pesquisadores que se dedicam à História da Educação Matemática brasileira. Nesse artigo, tem-se como objetivo enfatizar o uso do jornal como fonte histórica, rico para a compreensão das práticas escolares, destacando a sua importância como veículo de divulgação das idéias do Movimento da Matemática Moderna no Brasil.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; Imprensa; Matemática Moderna.

¹ Mestre em Matemática, doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Prof.^a da Universidade Severino Sombra (Vassouras/RJ). e-mail: fsoares.rlk@terra.com.br

Abstract

In the last few years have been increasing the studies about the History of Mathematics Education in Brazil. The discussions about the paternity of History of Mathematics Education and its relations with History, Education and Mathematics Education have been increasing too. These discussions are coming with another debates that show that the historians' work and the tools they use to write the history are changing, and influencing the work of mathematics education researchers as the same way. These influences are making possible the enlargement of some concepts and admission of new visions about historic research, which are being incorporated by researchers of Brazilian history of mathematics education. This paper intends to empathize the use of journals as a historic source, rich to comprehend schools practices, pointing out its importance as means of spreading the Modern Mathematics movement ideas in Brazil.

Keywords: History of Mathematics Education; Press; Modern Mathematics.

Fontes para a História da Educação Matemática

Em artigo publicado em 2002, Antônio Miguel e Maria Ângela Miorim, ao proporem uma caracterização da produção acadêmica no interior da prática social de investigação em História da Matemática, situam a História da Educação Matemática como um campo de pesquisa e não unicamente como um conjunto cumulativo de idéias ou resultados produzidos nesse campo, incluindo aí

todo estudo de natureza histórica que investiga, diacrônica ou sincronicamente, a atividade matemática na história, exclusivamente em suas manifestações em práticas pedagógicas de circulação e apropriação do conhecimento matemático e em práticas sociais de investigação em educação matemática do modo como concebemos esse campo em todas as dimensões dessa forma particular de manifestação da atividade matemática (...) (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.187).

Entendendo a História da Educação Matemática como algo muito mais complexo do que um mero estudo no tempo das idéias educacionais relacionadas à Matemática, os autores destacam como temas de estudo pertencentes a esse campo:

os seus [da atividade matemática] modos de constituição e transformação em qualquer época, contexto e práticas; a constituição de suas comunidades de adeptos e/ou de suas sociedades científicas; os métodos de produção e validação dos conhecimentos gerados por essa atividade; os processos de

abandono e incorporação de objetos de investigação por essa atividade; a natureza e os usos sociais dos conhecimentos produzidos nessa atividade; os produtores de conhecimentos que se envolveram com essa atividade; as obras nas quais esses conhecimentos foram expostos; as instituições sociais que promoveram e/ou financiaram essa produção, etc. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.187).

Essa concepção dentro do campo da Educação Matemática é parte do reflexo de mudanças ocorridas no campo da História e, entre outras causas, da revalorização do papel do conhecimento das práticas escolares do passado para o entendimento delas no presente.

Para caracterizar o campo de investigação da História da Educação Matemática, Miguel e Miorim (2002) ressaltam que a produção dessas histórias está, por um lado, condicionada às diferentes visões a respeito da História e, por outro, às questões específicas propostas por cada campo de investigação. Uma dessas questões fundamentais, destacadas pelos autores, tende a examinar as relações existentes entre a matemática escolar e a matemática científica. Seriam três as vertentes para a análise dessa questão.

A primeira propõe a existência de uma subordinação da matemática escolar à matemática científica, entendendo a matemática escolar como uma “*adaptação da matemática científica no contexto escolar*”, ou seja, como “*aque-la constituída pelo conteúdo científico associado a uma forma pedagógica*”. Nessa concepção, os estudos tendem a buscar “*a forma como a matemática escolar se apropriou, modificou ou deformou a matemática científica*”.

A segunda situa a matemática escolar como criação independente da matemática científica e tem como expoente dessa vertente André Chervel, que defende a idéia de que “*a matemática escolar é uma produção da escola, pela escola e para a escola*”. A escola se torna o centro das investigações e é vista como um local que produz uma matemática própria sem que esta seja dependente diretamente da Matemática científica.

A terceira forma de entender as relações entre a matemática escolar e a matemática científica entende a matemática escolar como elemento participante na constituição da própria matemática. Esse campo, influenciado pelas correntes da *Nova História*, entende a produção do conhecimento como “*um processo que envolve várias práticas pelas quais esse conhecimento circula*”. A matemática escolar, entendida como uma das práticas envolvidas na produção desse conhecimento e, juntamente com a matemática dita científica, seria responsável para a constituição de um campo de conhecimento maior denominado Matemática. Assim, considerar-se-iam para estudo de um objeto vários elementos constituintes das diversas práticas existentes.

Inseridos dentro de uma ou de outra vertente, nos últimos anos, vêm crescendo o número de trabalhos que tratam da História da Educação Mate-

mática no Brasil. Para escrever essa história, são travadas, entretanto, outras discussões que dizem respeito a que tipos de diálogos podem e/ou devem ser estabelecidos entre as diferentes áreas do conhecimento. Há polêmica sobre a filiação da História da Educação Matemática, dúvidas que surgem dessa expressão que conjuga três grandes áreas – a História, a Educação e a Matemática – e as possíveis combinações desses campos – a História da Educação, a Educação Matemática e a História da Matemática.

Independente dessa controvérsia, há consenso entre os pesquisadores de que para que a História da Educação Matemática cresça, se desenvolva e se fortaleça como um campo de investigação, é necessário considerar a contribuição dessas áreas e de outras tantas como a Sociologia, a Filosofia, e a Antropologia, para citar algumas.

No campo da historiografia, recentes discussões mostram que o trabalho do historiador – quer da Educação, da Matemática ou da Educação Matemática – e as ferramentas utilizadas para escrever a história, vêm sofrendo diversas influências que proporcionaram a ampliação de conceitos e a admissão de novos instrumentos e de novas abordagens para se *contar* essa história. Dentre essas novas abordagens estão, por exemplo, a história oral e a história de vida.

Outras discussões põem em questão o papel das fontes para o trabalho daquele que se encontra no lugar do historiador. No caso de instrumentos tradicionalmente utilizados pela pesquisa histórica, a ampliação do conceito de *documento* permitiu que não se admitisse mais a simples utilização da documentação oficial, a prevalência do texto escrito, muito menos a hierarquia de determinadas fontes sobre outras. Para tratar de questões da História da Educação Matemática, torna-se, portanto, necessário que se recorra a fontes diversas: arquivos pessoais, cadernos de alunos, livros didáticos, diários de professores, arquivos escolares, as revistas pedagógicas, etc. Esses e outros materiais permitem, além da compreensão da história e das práticas escolares, a possibilidade de outras abordagens metodológicas, contribuindo, assim, também para o fortalecimento do campo de pesquisa.

Há concordância de que o iniciar de uma pesquisa histórica exige a localização de fontes. Contudo, recolher esses elementos e ter acesso a essas “novas” fontes não é sempre fácil, pois passados alguns anos muitos documentos são destruídos, livros didáticos deixam de ser publicados e muitos professores já se encontram fora das salas de aula. Em muitos momentos o trabalho do historiador é semelhante à de um detetive ou a de um jornalista investigativo, sem, contudo, se limitar a isso.

O jornal e seu uso para a História da Educação

Outro tipo de fonte que, mesmo impressa e por vezes esquecida, pode ser encontrada mais facilmente em arquivos legais do Estado, são os periódicos e em particular os *jornais*.

Uma das principais instituições depositária de jornais e revistas de todo o país, e referência para pesquisadores de todas as áreas, é a *Biblioteca Nacional*, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Maior e mais importante biblioteca do país, fundada em 1810, como *Biblioteca Nacional e Pública da Corte*, foi organizada a partir da livraria trazida por D. João VI e de outras bibliotecas de nobres e clérigos (RIOS FILHO, 2000).

A instituição conta com o recurso do Depósito Legal para assegurar o enriquecimento de seu acervo, isto é, “*a exigência, por força de lei, da remessa à Biblioteca Nacional de um exemplar de todo material publicado no país por qualquer processo e colocado à disposição do público*” (ANDRADE, 1998, p.260). A Divisão de Publicações Seriadas possui coleções dos principais jornais e revistas impressos no Brasil. O Departamento de Processos Técnicos da Biblioteca coordena um projeto de microfilmagem de periódicos brasileiros, cujo objetivo é formar coleções de todos os jornais do país, garantindo assim a preservação dos originais e a disseminação das informações neles contidas (ANDRADE, 1998). Lá se encontram jornais em forma de microfilme bem como exemplares (em papel) de outras publicações.

Mesmo com a relativa facilidade de acesso aos jornais, a leitura deles é ainda bastante penosa para quem utiliza a imprensa como fonte para estudos históricos e tem a Biblioteca Nacional como ambiente de pesquisa. Os problemas são comuns a outras instituições dessa natureza no Brasil. Falta de profissionais especializados, máquinas defeituosas, ambiente pouco iluminado, alto custo das fotocópias, além de problemas na própria microfilmagem do acervo, como páginas fora de ordem, manchadas ou faltando.

Mesmo com essas dificuldades, o fascínio e o *feitiço* exercido pelas fontes, o fato de encontrar os documentos que servem ao tema pesquisado, e a lembrança do prazer que esse acontecimento proporciona, são sensações que levam o historiador a retornar à pesquisa, como comenta Bacellar (2005) e, além disso, superar as dificuldades e encontrar formas de lidar com elas para o prosseguimento do estudo.

Esse fascínio também é exercido pelos jornais. Na década de 1970, como lembra De Luca (2005), ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. Embora houvesse o reconhecimento da importância desses impressos, eles eram ainda subutilizados como fontes para a pesquisa histórica.

De Luca (2005) observa que após de alguns estudos importantes feitos sobre a História *da* imprensa e *por meio* da imprensa, o jornal, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, passou a ser reconhecido e valorizado como material de pesquisa relevante para o estudo de uma época. A imprensa registra, comenta e participa da história, possibilitando ao historiador acompanhar o percurso dos homens pelos tempos (CAPELATO, 1988). Também na Educação, esse veículo se mostra importante para a recuperação da evolução factual, de polêmicas, de reformas, e de aspectos do cotidiano escolar.

Como qualquer documento, o jornal não pode ser estudado isoladamente, mas juntamente com outras fontes que ampliem a sua compreensão (CAPELATO, 1988). Além disso, o jornal deve ser visto como um agente social sujeito às pressões e problemas, que participa da vida cotidiana e que toma partido, e não como um órgão neutro e informativo. Como diz Le Goff (1990):

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem. (p.548)

Enfim, tenta-se buscar um ponto de equilíbrio, em que não se pode deixar de considerar a imprensa como uma fonte documental, sempre com um entendimento dialético de seu papel: que é influenciada, mas que também influencia os processos e fatos históricos.

É importante esclarecer que aqui não se está fazendo referência, como objeto de estudo, a uma imprensa pedagógica, como a surgida no Brasil do século XIX², com periódicos e revistas voltadas ao cotidiano escolar, ao professor ou aos métodos de ensino. Trata-se da imprensa oficial, leiga, desvinculada de qualquer instituição de ensino ou associação de professores, voltada ao público em geral e que, em meio a notícias de toda natureza, dedicava páginas de seus cadernos à divulgação de eventos e notícias a respeito do ensino de Matemática no Brasil. Essa mesma imprensa, já por outras vezes, deu lugar a disputas e controvérsias em torno do ensino de Matemática, como constata Valente (2003).

² Um inventário da Imprensa periódica educacional no Brasil de 1808 a 1944 encontra-se no apêndice do livro de Catani; Bastos (2002).

Mesmo não sendo uma imprensa dedicada à Educação, a importância dos jornais dada a sua freqüência e o alcance de público apresenta as mesmas vantagens da imprensa especializada, ao permitir “*apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta*” (NÓVOA, 2002), oferecendo, portanto, muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino e, assim, da *cultura escolar*, no sentido a que se refere Julia (2001). Segundo este autor, a cultura escolar representa “*um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos*”. Sendo assim, “*não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história*” (p. 10).

Bastos (2002), ao se referir à imprensa pedagógica, retoma o pensamento de Mariani³, reafirmando a importância da análise do discurso da imprensa que, na condição de prática social, constrói memória, atuando em várias dimensões temporais simultaneamente: “capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que organiza um futuro – as possíveis consequências desse fato no presente – e, assim, legitima, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos no presente futuro”(p.49).

A Imprensa e a Matemática Moderna no Brasil

No que se refere à História da Educação Matemática, a utilização dos jornais como fonte revela-se igualmente rica para a compreensão de fatos relacionados, em particular, ao Movimento da Matemática Moderna no Brasil.

O primeiro estudo estruturado realizado sobre o Movimento da Matemática Moderna no Brasil foi a tese de Beatriz D’Ambrósio, *The dynamics and consequences of the modern mathematics reform movement for Brazilian mathematics education*, defendida em 1987. De lá para cá, outros trabalhos foram publicados como os de Bürigo (1989), Vitti (1998), Soares (2001) e outros. Mais recentemente, o tema foi discutido em uma mesa-redonda no *VIII Encontro Nacional de Educação Matemática*, ocorrido em Recife, no ano de 2004; no *V Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática*, em Portugal, no mês de julho de 2005, em que foram apresentados cinco trabalhos sobre o tema; e no *I Seminário de História e Educação Matemática*, em outu-

³ MARIANI, B. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói a memória). In: ORLANDI, E. O discurso Fundador. São Paulo: Pontes, 1993, p. 33.

bro de 2005, com vários trabalhos relacionados direta ou indiretamente ao assunto. Isso mostra que o interesse sobre o tema se mantém devido à sua importância e relevância para as discussões a respeito da História do ensino de Matemática no Brasil.

Dentre todas as reformas pelas quais passou o ensino brasileiro, a Matemática Moderna foi a que se tornou mais conhecida. De caráter e implantação contrária a outras reformas anteriores implantadas por decretos, foi amplamente divulgada e adotada em todo o território nacional por quase duas décadas (SOARES et al., 2004).

Em função dessa ampla divulgação das idéias da Matemática Moderna, algumas questões podem ser levantadas: Como as idéias da Matemática Moderna se espalharam pelo Brasil e por outros países do mundo? Quais foram os meios de divulgação das diretrizes do Movimento da Matemática Moderna mais usados na época de sua implantação no Brasil? Que discussões eram travadas sobre a Matemática Moderna? A quem se destinavam as reportagens veiculadas na imprensa?

Nas pesquisas já realizadas sobre o tema, pode-se constatar que a divulgação das idéias da Matemática Moderna deu-se, entre outras formas, por meio de congressos, cursos, palestras, pela publicação de livros e outros materiais didáticos para alunos e pais e também pela grande exposição na imprensa escrita. Apesar de ser uma publicação não direcionada ao leitor de Matemática ou de educação, os jornais possibilitaram que a Matemática Moderna estivesse acessível ao público comum: pais, alunos, professores, governantes e demais cidadãos.

Em particular, a imprensa dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro tiveram um papel de destaque nessa divulgação. Dentre os jornais mais representativos para a difusão de artigos e informes, a respeito da Matemática Moderna estão a *Folha de São Paulo*, o *Estado de São Paulo*, *O Globo*, e o *Jornal do Brasil*.

O tipo de matéria veiculada pelos jornais a respeito da Matemática Moderna era bastante variada. Usando de expedientes clássicos do jornalismo com manchetes chamativas e títulos provocativos, as reportagens defendiam a Matemática Moderna ou a acusavam pelos males do ensino. Assim, os jornais abriam espaço para a discussão ampla do tema, sendo possível acompanhar de perto os primeiros passos, a culminância e o declínio desse projeto que prometia reformar o ensino de Matemática e tornar a aprendizagem da disciplina mais fácil e prazerosa.

Para os professores, os jornais representaram um importante veículo para que se pudesse conhecer um pouco mais do movimento, visto que as idéias da Matemática Moderna significavam uma novidade em termos de conteúdo e orientações para o ensino. Aqueles menos engaja-

dos em grupos de pesquisa puderam entender um pouco mais dos propósitos e das idéias da MM, acompanhando os resultados obtidos com a nova metodologia.

No Brasil, o grupo líder na divulgação das idéias do MMM foi o *Grupo de Estudos do Ensino da Matemática*, o GEEM, com sede em São Paulo. As atividades do GEEM foram sempre acompanhadas pela imprensa, o que aguçava o interesse e a curiosidade dos professores em participar das atividades empreendidas pelo grupo. Aliado ao interesse dos professores, havia também incentivo do governo que em notas publicada no jornal concedia aos professores dispensa de suas atividades regulares nos dias em eram oferecidos os cursos do GEEM.

O GEEM, por meio de Osvaldo Sangiorgi, presidente e porta-voz do grupo, espalhou as propostas da Matemática Moderna pelo país. Sangiorgi concedia entrevistas e depoimentos à imprensa, além dele próprio escrever textos que foram publicados nos principais jornais do estado de São Paulo. As notícias publicadas variavam entre informes sobre datas de cursos, palestras, eventos e reuniões, notas a respeito de publicações de livros, artigos de popularização da Matemática Moderna e outros de orientações para o seu ensino.

Maria Helena Capelato (1988) reconhece que todos os jornais buscam “atrair o público e conquistar seus corações e mentes” (p.15). Acrescenta também que a técnica e o conteúdo do título são muito importantes, e as palavras utilizadas são escolhidas cuidadosamente de forma a extrair delas o máximo de efeito. No campo educacional, e no caso específico da Matemática Moderna, as manchetes se tornaram, de fato, um recurso de persuasão muito eficaz e impactante. As chamadas das matérias procuravam exaltar o caráter inovador e revolucionário da nova proposta para o ensino, destacando a Matemática Moderna como sendo a solução para os problemas de aprendizado em Matemática. Alguns exemplos desse tipo de manchete são:

- “Matemática de hoje é de ensinar sem assustar” (Diário Popular, 03/02/1965)
- “Geometria Moderna revoluciona o ensino” (Folha de São Paulo, 11/01/1967)
- “Matemática Moderna: a nova palavra de ordem” (Jornal dos Sports, 19/10/1969)
- “O suplício acabou?” (Jornal do Brasil, 19/12/1969)
- “Matemática com método é fácil e não assusta mais” (Folha de São Paulo, 19/08/1964)

Uma outra manchete ajudou a provocar um mal entendido quanto às intenções da Matemática Moderna em relação ao ensino da Geometria. Em artigo do *O Estado de São Paulo* de 1967, intitulado *Matemáticos são contra Euclides*, pode-se ler o seguinte:

Um grupo de professores está estudando, desde ontem, a melhor maneira de contar aos colegas do ciclo secundário, **sem causar escândalo**, que **a geometria de Euclides já está superada**. A descoberta não é nova, pois tem sido discutida em diversos congressos de educação e vem sendo alardeada pelos principais matemáticos modernos. [...] **A maior adversária de Euclides** é a jovem professora Lucília Bechara, entusiasta da renovação na matemática, para quem “o modelo da geometria em bases modernas para o ensino secundário ainda é o euclidiano, mas a abordagem deve ser feita através de espaços vetoriais” (*Matemáticos são contra Euclides*, O Estado de São Paulo, 17/01/1967, grifo nosso).

Essa declaração teria provocado a reação dos leitores levando o mesmo jornal a publicar esclarecimentos, dias depois, no artigo *Matemáticos e Euclides*:

Em entrevista dada a esta folha na última semana, a professora Lucília Bechara **não foi muito feliz** em suas declarações sobre a posição da Matemática Moderna diante da Geometria Euclidiana, suscitando **algumas dúvidas ou interpretações errôneas** a respeito do problema que **criaram um certo mal estar** entre os **estudiosos de matemática** de São Paulo. Para atender a curiosidade de muitos de nossos leitores que **estranharam das afirmações ali contidas**, procuramos o professor Benedito Castrucci, Diretor do Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia da USP e Osvaldo Sangiorgi, presidente do GEEM [...] (*Matemáticos e Euclides*, O Estado de São Paulo, 22/01/1967, grifo nosso).

Vê-se assim o cuidado com que as informações veiculadas na imprensa devem ser lidas e interpretadas, levando-se em conta uma possível distorção de falas e declarações provocadas intencionalmente ou não pelo jornalista e redator da matéria.

Como foi dito anteriormente, o jornal não pode ser visto como um órgão alheio aos problemas que ocorrem no meio social. Assim não se pode esquecer que o Movimento da Matemática Moderna vigorou no Brasil em plena ditadura militar e que o fato de os jornais veicularem amplamente notícias sobre o ensino não pode ser visto isoladamente a este fato.

Dessa forma, a análise feita a respeito do papel que a imprensa teve na divulgação do Movimento da Matemática Moderna assim como sobre as questões que podem ser levantadas e aprofundadas tomando como base os artigos publicados nos jornais deve ser feita de forma crítica, considerando o momento político da época, os interesses da comunidade de educadores matemáticos envolvidos, entre outros aspectos.

Considerações Finais

Na História da Educação Matemática no Brasil, não se pode deixar de reconhecer a reforma conhecida como Matemática Moderna como uma das mais marcantes. Qualquer um que queira entender e estudar a Educação Matemática brasileira não pode deixar de se dedicar a esse momento da história, certamente um dos responsáveis pelo início de discussões mais amplas sobre o ensino de Matemática no Brasil.

As várias formas de entender como se deu o movimento no Brasil estão ligadas às fontes utilizadas para a sua compreensão, destacando-se nesse texto o papel da imprensa como responsável por uma parcela de considerável importância para a divulgação das propostas de reforma do ensino de Matemática.

Ainda que se possam apontar deficiências, a imprensa acompanhou de perto o aparecimento das propostas da Matemática Moderna no Brasil; o seu desenvolvimento durante a década de 60 do século XX, as mudanças de rumo no movimento na década de 70 bem como o aparecimento de críticas feitas por matemáticos brasileiros.

Entretanto, não se pode deixar de dedicar um olhar crítico à imprensa que, com o objetivo de chamar a atenção de seus leitores, pode ter contribuído em várias situações para obscurecer os verdadeiros objetivos dos líderes do Movimento e, em outras, para exacerbar o seu fracasso, sem uma discussão mais profunda dos pontos positivos que essa grande movimentação trouxe para o ensino da Matemática.

Outras análises mais detalhadas do movimento, por certo, poderão ser feitas com base nos artigos publicados na imprensa a partir do diálogo com outras fontes, possibilitando, assim, outras interpretações mais ricas e representativas desse episódio da História da Educação Matemática brasileira e mundial.

Referências

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A Biblioteca Nacional e a pesquisa histórica. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de. **Ler e Escrever para contar:** documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro, RJ[s. n.], 1998.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

BASTOS, Maria Helena. Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do Professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em Revista**: a imprensa pedagógica e a História da Educação. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

BÚRIGO, Elisabete Zardo. **Movimento da matemática moderna no Brasil**: estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 1998.

CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em Revista**: a imprensa pedagógica e a História da Educação. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

D'AMBRÓSIO, Beatriz Silva. **The Dynamics and consequences of the modern mathematics reform movement for Brazilian mathematics education**. 1987. Thesis (Doctor of Philosophy)- Indiana University.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p.9-43, jan./jun. 2001.

NÓVOA, Antônio. A Imprensa de Educação e ensino: concepções e organização do repertório português. In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em Revista**: a imprensa pedagógica e a História da Educação. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MIGUEL, Antônio; MIORIM, Maria Ângela. História da Matemática: uma prática social de investigação em construção. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 36, p. 177-203, 2002.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los. **O Rio de Janeiro imperial**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 2000.

SOARES, Flávia dos Santos. **Movimento da matemática moderna no Brasil**: avanço ou retrocesso? Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Pontifícia Universidade Católica.

SOARES, Flavia dos Santos; DASSIE, Bruno Alves; ROCHA, José Lourenço da. Ensino de Matemática no século XX: da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 22, n.11, p.7-15, jan./jun. 2004.

SOARES, Flávia. A divulgação da matemática moderna na imprensa periódica. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 5., 2005. Porto. **Anais...** . Lisboa: APM, 2005. CD- ROM.

MIORIM, Maria Ângela; BRITO, Arlete de Jesus; SOARES, Flávia. Compromissos sociais do Movimento da Matemática Moderna. Mesa-redonda. ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7., 2004, Recife. **Anais...** . Recife: SBEM, 2004. CD-ROM.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan versus Jacomo Stávale. **Cadernos de Pesquisa**, n. 120, p. 151-167, 2003.

VITTI, Catarina Maria. **Movimento da matemática moderna**: memória, vaias e aplausos. Piracicaba, 1998. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, 1998.

Artigos de Jornal

Geometria Moderna revoluciona o ensino. **Folha de São Paulo**, 11 de janeiro de 1967.

Matemática com método é fácil e não assusta mais. **Folha de São Paulo**, 19 de agosto de 1964.

Matemática de hoje é de ensinar sem assustar. **Diário Popular**, 03 de fevereiro de 1965.

Matemática Moderna: a nova palavra de ordem. **Jornal dos Sports**, 19 de outubro de 1969.

Matemáticos e Euclides. **O Estado de São Paulo**, 22 de janeiro de 1967.

Matemáticos são contra Euclides. **O Estado de São Paulo**, 17 de janeiro de 1967.

O suplício acabou? **Jornal do Brasil**, 19 de dezembro de 1969.

Recebido: 22 de fevereiro de 2006.

Aprovado: 28 de março de 2006.